

José Rentes de Carvalho, *O Meças*, Lisboa, Quetzal, 2016, 184 p. ISBN 9789897222863.

Em 2013, numa entrevista concedida ao *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, referindo-se ao romance que acabava de publicar, J. Rentes de Carvalho (1930) afirmava: «Creio, aliás, que não voltarei tão cedo ao género, pois é difícil manter a sequência e evitar que os personagens não baralhem o enredo». O novo romance de J. Rentes de Carvalho não vem necessariamente contradizer aquelas palavras, uma vez que passaram já três anos desde a saída de *Mentiras & Diamantes*. Mas não nos parece arriscado dizer que a maioria dos leitores do autor de *Ernestina* terá recebido com grande surpresa a notícia da publicação de *O Meças*, o oitavo romance de um escritor que também tem sobressaído na crónica, no conto e no diário.

J. Rentes de Carvalho é um escritor moderno desde o seu primeiro romance, *Montedor* (1968), reeditado em finais de 2014. Este livro expõe o mundo interior de uma personagem, em discurso de primeira pessoa, mas não descuida a realidade exterior (o contrabando, a emigração, a política obscura e corrupta, a desvergonha e a impunidade dos poderosos, a influência do clero, as desigualdades económicas e sociais, o atraso sociocultural):

Volto as costas sem saber se zomba. A Madame! Passa e faz que não vê. Bom traste. «Mon cher petit». E promessas. E cartas. Outra que encontrou nicho. Viscondessa. Peso-lhe tanto como a primeira camisa que vestiu. Não tem obrigação, bem sei, mas não precisava de atazanar... «Oh! Paris!» «Oh! Les Champs Elysées!»... O tontinho a acreditar que tudo aquilo vinha de dentro como nos romances, que o doutor Fulano ia arranjar... que o doutor Fulano fazia força com ambas as mãos! (pp. 134-135)

Montedor é um romance psicológico, mas é também um romance de formação de matriz autobiográfica e de ação, e não menos um romance realista que vai buscar os temas e motivos ao quotidiano mais comum e nos revela uma sociedade em conflito. Assistimos a um número significativo de peripécias dramáticas e ao drama interior do protagonista desde o momento em que ele reprova nos exames que lhe dariam acesso a um «diploma» e a um bom emprego, testemunhamos os momentos principais da sua vida, desde a ida para a tropa, ao regresso a casa e ao casamento por obrigação, e somos levados a estabelecer uma comparação com a vida de quem escreveu o livro. J. Rentes de Carvalho deixou Portugal, viveu em cidades como o Rio de Janeiro, Nova Iorque e Paris, e estabeleceu-se na Holanda em 1956, onde teve condições para desenvolver uma carreira como escritor de méritos rapidamente reconhecidos no país que o recebeu. O protagonista de *Montedor* ficou em Portugal, e aí, fechado dentro de si, perdeu toda a liberdade e dignidade. Um romance, como se vê, e por razões óbvias a todos, tão atual na década de sessenta como hoje, em que Portugal exporta mão de obra altamente especializada (e também, ainda, não qualificada).

O Meças, como *Montedor*, é um romance sobre Portugal. Esta fórmula, que tem sido usada para definir a ficção de J. Rentes de Carvalho, apesar de não ser inexata, é muito incompleta. *Montedor* articula a representação da intimidade mais profunda de uma personagem com a representação dos problemas de Portugal, e

estabelece uma relação entre o tempo interior do protagonista e o tempo cronológico do país salazarista. A um tempo histórico e a um quotidiano no qual existem figuras que dir-se-ia terem séculos, a um tempo que passa sem que se alterem as questões que em Portugal parecem ser irremediáveis (o patriarcado, as diferenças e a hostilidade entre ricos e pobres, o atraso sociocultural e económico, o imobilismo, a corrupção), corresponde o tempo interior vivido pelo narrador-personagem, que é um perdedor atormentado até ao paroxismo. Com diferenças de perspetiva, de intensidade e de técnica narrativa, esta leitura aplica-se a outros romances do autor, em particular a *O Rebate* (1971) e *A Amante Holandesa* (2000, Holanda, 2003, Portugal). Mas o que traz originalidade a estes conteúdos é a onnipresença da memória e das emoções que afligem o sujeito e se sobrepõem à sua vontade. *O Meças*, organizado em quatro partes, ou em cinco, se considerarmos as «Anotações» finais, está em consonância com a sensibilidade, o pensamento e escrita de J. Rentes de Carvalho, que tem procurado compreender a origem, o significado, os mecanismos e as expressões quer da sua memória e das suas emoções, quer da memória e das emoções portuguesas (e não só).

No primeiro capítulo, o narrador de terceira pessoa apresenta-nos António Roque, conhecido como o Meças, e é através do seu discurso inquiridor que assistimos à tragédia permanente deste homem violento e angustiado pela presença inexorável de um passado que se faz presente e futuro devido a uma complexa e incontrolável relação de causa e efeito entre perdas humilhantes e comportamentos, sentimentos e emoções induzidos por essas perdas e humilhações:

Mas donde vêm os que sem hora nem aviso o assaltam e molestem? [...] A alguns nem sequer conhece, ou talvez não lembre, serão os que enterramos fundo no esquecimento, a vala comum dos amores traídos, das amizades findas, das derrotas, traições e ignomínias a que o viver obriga, mesmo quando a decência é o norte. (p. 11).

No segundo capítulo, agora em discurso de primeira pessoa assumido pelo meio-irmão de Meças (que não sabe que aquele é seu meio-irmão, filho, como ele, do «Senhor Engenheiro»), a memória, enquanto presença interior hipersensível, é também constante. No terceiro capítulo regressa o narrador de terceira pessoa, que, mais uma vez, representa o interior mortificado de Meças, e no quarto volta o meio-irmão da personagem que dá título ao romance. O meio-irmão de Meças, que se fixou em Newcastle, vem a Portugal com a intenção de revelar a Meças o que os une, mas, afinal, decide não o fazer (ainda assim, através de uma mentira, consegue fazer com que Meças aceite um cheque com o valor da herança que lhe cabe, à qual ele junta a sua parte, porque simplesmente não a quer). Educado, civilizado, preso às origens e ao mesmo tempo distante ou distanciado delas, ele é também, por circunstâncias diversas (o carácter violento do pai, ter frequentado um colégio interno, ter-se, enfim, visto a «crescer sozinho», como ele próprio diz, saber-se nascido num país corrupto e atrasado), assaltado pela memória involuntária (Henri Bergson) e dolorosa.

O romance de J. Rentes de Carvalho publicado há poucas semanas, como toda a obra ficcional deste autor, representa as emoções e as memórias repentinas e avassaladoras de personagens portuguesas, e indaga e explora a sua raiz, os seus

sentidos e as suas implicações. O meio opressivo e opressor português está na origem das emoções e das memórias dos dois meios-irmãos deste livro (a que poderíamos juntar a advogada que trata da expropriação das terras do «Senhor Engenheiro»), um culto e bem-educado, o outro precisamente o oposto. *O Meças* é uma representação de grande parte da sociedade portuguesa de meados do século XX até aos nossos dias, ou da sociedade portuguesa de qualquer tempo e de qualquer lugar. As personagens do romance não encontraram soluções para o seu desassossego, mas podem ajudar-nos a ver mais em profundidade o que nos rodeia, a compreender e a controlar as nossas inquietações, as nossas memórias e as nossas respostas emocionais em relação a Portugal e a nós próprios.

Carlos Nogueira
Universidade de Vigo

Sophie Pointurier, *Théories et pratiques de l'interprétation de service public*. Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, coll. « Les fondamentaux de la Sorbonne Nouvelle », 141 p., 2016. ISBN 978-2-87854-699-6.

Sophie Pointurier est chercheuse en traductologie, interprète entre le français (langue vocale) et la langue des signes française (LSF), maître de conférence et responsable du master d'interprétation français – LSF de l'École supérieure d'interprètes et de traducteurs à la Sorbonne Nouvelle, Paris 3.

En 2014, j'ai eu le plaisir de faire la connaissance de Sophie en tant que membre du jury pour la soutenance de sa thèse de doctorat en traductologie (*L'interprétation en langue des signes française : contraintes, tactiques, efforts*). J'ai été très impressionnée par son travail et son engagement pour la cause des interprètes LSF qui interviennent dans les diverses situations de l'interprétation de service public.

Deux années se sont écoulées et fin 2016, j'ai lu sur les réseaux sociaux qu'elle avait publié un manuel dédié à l'interprétation de service public en général et plus particulièrement à l'interprétation en langue des signes. Quelques semaines plus tard, lors d'une visite à l'ESIT et d'une petite entrevue avec Sophie, cette dernière m'a offert son livre que je vais caractériser brièvement.

Rares sont les publications traductologiques qui sont aujourd'hui encore écrites en français et non dans la *lingua franca* actuelle – l'anglais – qui domine actuellement toute la recherche scientifique.

Cet ouvrage pédagogique présente l'interprétation de service public comme un domaine de spécialité à part entière, avec des enjeux humains, éthiques, psychologiques, culturels et techniques propres à cette pratique.

La première partie de cette publication se compose de cinq chapitres. Tout d'abord, l'auteure se penche sur l'histoire de l'interprétation pour aborder (chapitre 2) les principales théories et modèles de traduction appliquées à l'interprétation de dialogue. Elle décrit plus en détail la théorie interprétative de la traduction et de l'interprétation qui fut longtemps la principale théorie de l'ESIT, développée et enseignée grâce à Danica Seleskovitch dans les années